

AÇÃO DIRETA

FUNDADO PELO PROF. JOSÉ OITICICA EM 1946

LUTAMOS CONTRA TÔDAS AS FORMAS DE TIRANIA, DE EXPLORAÇÃO E DE OBSCURANTISMO, E EM PROL DE LIBERDADE E BEM-ESTAR PARA TODOS.

Redação:
Avenida 13 de Maio, 23 — 9.º andar — Sala 922

CORRESPONDÊNCIA:
Caixa Postal 1 — Agência da LAPA — RIO DE JANEIRO

AVULSO: CR\$ 3,00
Assinatura anual Cr\$ 50,00

O PROBLEMA DO ENSINO

O pobre não pode estudar

O ensino é privilégio dos ricos

A maior parte da população brasileira é analfabeta. É uma vergonha que não pode ser escondida. Constatam-na os que se dedicam ao ensino, proclamam-na as estatísticas. O analfabetismo é uma das grandes pragas da situação político-social dominante.

Se o povo brasileiro, numa grande porcentagem, está privado de instrução, não é, certamente, porque não queira aprender. É analfabeto porque não lhe dão escolas e porque o impossibilitam de frequentar as que existem em proporção mesquinha em relação à população do país. Nos grandes centros, permanece uma enorme população infantil à espera de vagas nos grupos escolares. Na zona rural e pelos sertões afora as escolas são coisa rara.

Com a vida de penúria que levam, o roceiro e o sertanejo, não é de se estranhar que seja a instrução do que eles menos possam cuidar. Trabalhando de sol a sol, vivendo sem o mínimo conforto, mal alimentado e de saúde precária, como pode a gente do "hinterland" brasileiro frequentar escolas, que quando existem, ficam a enormes distâncias? Depois, o pobre precisa trabalhar desde criança. Nas cidades industriais, deve trocar escola pela fábrica quase sempre sem completar o curso primário.

O ensino está hoje inteiramente comercializado. É um meio de exploração, de conseguir fortunas como qualquer outro. Mensalidades altíssimas, pesadas taxas, livros e material escolar caríssimos impossibilitam de estudar a maioria da juventude que vive do seu trabalho.

A instrução é, portanto, privilégio dos ricos. Somente os filhos de capitalistas podem estudar.

Mas isso é uma injustiça e, como tal, precisa, deve acabar. Como se pode admitir que sejam exatamente os elementos produtores de todos os meios de vida aqueles que têm de ficar privados da possibilidade de se instruírem?

Ataque-se, pois, o mal de frente com o fim de libertar o ensino da praga burocrática, que entrava o seu desenvolvimento; da intervenção religiosa, que desvia a escola de sua finalidade precípua, alimentando discórdias; da intromissão político-partidária que alimenta o regime do favoritismo, e, ainda, dos elementos que fizeram do ensino um meio de torpe exploração.

Liberta a escola dos elementos perturbadores de seu normal funcionamento, deverá ser confiada aos cuidados daqueles que lhe dedicam a sua atividade, entregando-se, portanto, ao professorado a orientação, organização e administração do ensino em tudo quanto a ele se referir, de maneira que possa ser proporcionada a todos os brasileiros a possibilidade de estudar.

Feito isso, que se ponha imediatamente mãos à obra com o fim de corrigir o que estiver errado e fazer tudo quanto

seja necessário para o ensino ser posto à altura das necessidades da cultura brasileira, executando-se medidas como estas: Facultar-se ao professorado um teor de vida compatível com sua alta missão social, respeitando-lhe a liberdade de cátedra e de pesquisa; associar os estudantes nos trabalhos do ensino; tornar gratuito para os trabalhadores o ensino em todas as suas modalidades e graus; dar assistência aos estudantes necessitados e alimentação aos filhos dos trabalhadores nas escolas primárias; fundar escolas onde quer que elas faltem, principalmente no interior do país, contando, para isso, com a contribuição obrigatória dos industriais e comerciantes, nas grandes cidades, e dos grandes proprietários agrícolas, nos meios rurais.

E que não se venha com a alegação de que não há verbas para um empreendimento desse vulto. Muitas são as fontes onde abundante verba poderá ser conseguida para criar escolas aos milhares. Requistem-se, antes de mais nada, os prédios mal ocupados ou ocupados por entidades parasitárias e inúteis; destinem-se ao ensino as verbas que dos cofres públicos saem para instituições religiosas, ou de atividades supérfluas, para a gasolina gasta nos carros da parasitagem burocrática e para o suborno a veículos da divulgação e propaganda. Há, ainda uma outra fonte mais rendosa: os bens confiscados aos homens públicos cujas fortunas tenham sido acumuladas no exercício de cargos governamentais e administrativos e aos "tubarões" do cambio-negro que estão enriquecendo à custa do sacrifício do povo.

Entretanto, como nos demais, também este problema somente poderá ser resolvido pela ação direta dos interessados, pois a engrenagem burocrática do Estado é manobrada pelos privilegiados e lobo não come lobo. Só a ação do professorado, dos estudantes, só a atividade das organizações populares e dos sindicatos proletários, agitando o problema, fazendo pressão pública sobre os dirigentes conseguirá tornar efetivo o direito do povo poder cuidar de sua instrução.

Edgard LEUENROTH

O Escândalo do Petróleo Boliviano

I. PERES

No regime capitalista não cessam os escândalos. E agora, para confirmar a regra, estorou mais um: a negociação do petróleo boliviano que veio arrancar a máscara de meia dúzia de caca-rejadores nacionalistas em matéria petrolífera.

Eis como se conta a oleosa e negra história. Em 1939, o Brasil e a Bolívia celebraram um tratado, pelo qual, mediante uma série de pesadíssimos encargos, a Bolívia oferecia determinada área petrolífera afim de ser explorada com vantagens e benefícios para ambos os países. Durante o governo de Café Filho, tentou-se a revogação do acordo. O governo do sr. Juscelino Kubitschek conseguiu nova regulamentação do tratado e a seguir entregou ao Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico a tarefa de selecionar as firmas ou capitais brasileiros que iriam explorar a citada área. Isto foi realizado, sendo escolhidos os seguintes grupos: BRABOL Lúdio Lunardi — João Kessler), PETROLANZA (Celso da Rocha Miranda e Cias. Seguradoras) e CAPUAVA (Soares Sampaio).

Aqui é que o conto do petróleo boliviano começa a cheirar mal. A BRABOL e PETROLANZA, para complementar o capital de que necessitavam para o empreendimento, recorreram ao financiamento aleatório com a Pan American Oil & Royalty Company, empresa do sr. Mac. Kenna, ficando, portanto, sob o controle financeiro da empresa americana, permitindo, por conseguinte, a introdução do trust petrolífero no Brasil, o que equivale a dizer, pondo um ponto final nos sonhos nacionalistas de muita gente boa, ingênua e bem intencionada.

Tudo isso seria uma história simples igual a muitas outras, se não fosse o fato de que tudo aconteceu com pleno conhecimento do sr. Roberto Campos, presidente do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico. O Governo que, aparentemente, defende a fórmula nacionalista, seguidamente advertido do que se passava, pouca importância deu ao fato, parecendo estar implicado na negociação.

Estourou o escândalo. Nomeou-se uma comissão de inquérito e, dentro de um mês, ninguém mais ouvirá falar da negociação. Ficará tudo sepultado no esquecimento, porque, onde entra o interesse econômico, desaparecem, como por encanto, o patriotismo, o nacionalismo, a honra, a dignidade e outras coisas boas para entreter o Zé Povinho de sua fome crônica. Que nos sirva o exemplo de Frondizi, na Argentina. Antes de eleito, ferrenho nacionalista e depois entregou o petróleo ao trust americano, como entregaria ao russo, se fosse o caso.

AÇÃO DIRETA

Diretor:
EDGARD LEUENROTH
Administrador:
IDEAL PERES

A publicação de "Ação Direta" está confiada à comissão de quatro companheiros nomeados em reunião plenária, sendo de sua incumbência os trabalhos de redação, administração e divulgação.

Toda correspondência (com valores, originais, indicações, etc.) deve ser endereçada a IDEAL PERES, para a Caixa Postal 1 (agência da Lapa), Rio de Janeiro.

Em São Paulo há uma comissão encarregada do trabalho de arrecadação de recursos, colaboração e da divulgação do jornal.



É preciso que os trabalhadores libertem seus sindicatos das mãos governamentais, bem como da exploração dos pelegos e dos pseudos líderes politiquinhos.

EM CADA PASSO, TORNAR A META UMA REALIDADE

Por Luce FABBRI

Hoje, como ontem, sociedade anárquica quer dizer sociedade livre, sem governo. Hoje, como ontem, a maioria dos anarquistas concebe tal sociedade como uma federação coordenada de núcleos geográficos (exemplo, os municípios) ou funcionais (exemplo: conselhos de fábricas, sindicatos, cooperativas de consumo, instituições culturais, sanitárias, etc.) na qual a vida material seja assegurada por um sistema econômico baseado na propriedade coletiva dos meios de produção e na distribuição gratuita dos produtos, de acordo com as necessidades. Poderíamos falar de federação de entes autônomos, não administrados por representantes dos partidos que têm em suas mãos, ainda que seja graças ao voto popular, o poder político.

Nós desejamos, pois, uma sociedade descentralizada, porém coordenada, constituída por federações de núcleos funcionais, integrados pelas pessoas interessadas e que se governem a si mesmas com o sistema da democracia direta, sem "delegações de soberania". Quando falo de núcleos, me refiro às infinitas formas de associação para diversos fins, que tem o homem encontrado nos diferentes países para multiplicar o resultado de seus esforços, combinando-os com os de seus semelhantes. Muitos destes núcleos se podem criar, obedecendo às necessidades próprias de cada

ambiente, sobre as ruínas do benefício capitalista, que envenenou um período tão longo de nossa civilização, e como baluarte contra a ameaça da nova realidade totalitária que nos vem de cima, sob diversas formas, desde o Este e desde o Oeste. Porém outros desses núcleos já existem, diferentes, nos distintos países. Trata-se de libertá-los de suas escórias, de restituir-lhes a seiva da ação popular quando já a tenham perdido, de subtraí-los à intervenção do Estado e à influência dos partidos políticos, de coordená-los, de fazê-los engrenagem da vida real de um país.

É utopia? Tudo o que é humano é utópico, antes de tornar-se realidade; e tudo o que depende da vontade humana é realizável. O que importa é ter um caminho orientado. E quando esse caminho passa entre as pessoas que trabalham, comem, amam e pensam, passa entre suas casas e suas indústrias e entre tudo aquilo que sua espontânea fraternidade criou nos séculos, recolhendo e depurando tradições, coordenando esforços, derrubando as barreiras que aprisionam a vida e impõem a uniformidade, reconhecemos nele o caminho da história real, da qual só centelhas fugazes chegam aos textos pedagógicos; não é o caminho da utopia.

Utopia é querer fabricar uma sociedade desde o topo do governo, utilizando os homens como matéria prima, à força de leis aplicadas pela violência.

Anarquismo — Aspirações e Propósitos

De RODOLFO ROCKER

III

Mas o anarquismo encontrou uma expressão típica no livro de Max Stirner: "O único e sua propriedade". Embora este livro tenha sido relegado ao esquecimento, não tendo exercido influência no movimento anarquista, cinquenta anos após sua publicação ele foi objeto de uma inesperada reabilitação. A obra de Stirner é eminentemente filosófica. É o livro de um insubmisso, decidido e consciente, que não respeita nenhuma autoridade.

Miguel Bakunine foi um campeão viril, de robusta energia revolucionária. Inspirou-se em Proudhon, e bateu-se a favor da propriedade coletiva da terra, e de todos os meios de produção, além de propugnar no sentido integral do trabalho individual. Bakunine era adversário da teoria comunista que, já então, revelava seu caráter francamente autoritário, conforme assume, em nossos tempos, o regime bolchevista.

Bakunine era um revolucionário decidido, e não acreditava em soluções pacíficas dos conflitos sociais. Percebia que as "classes dirigentes" se opunham, cegamente, à mais leve reforma social. E, em consequência, não acreditava na possibilidade de qualquer salvação, fora de uma revolução social, de caráter internacional, que extinguisse todas as instituições eclesiásticas, políticas e militares, do atual sistema social, até substituí-las por uma federação de associações livres de trabalhadores. E uma vez que, à semelhança de tantos outros seus contemporâneos, acreditava Bakunin na iminência da Revolução, dedicou toda sua vasta energia à formação de um maior número de elementos revolucionários, e revolucionariamente preparados, a fim de salvaguardar a revolução contra qualquer infiltração ditatorial, ou de regresso às antigas condições sociais.

RITMO SOCIAL

Um outro valoroso apologista do anarquismo foi Pedro Kropotkine, que a si mesmo confiou a deliberação de aplicar os progressos das ciências naturais ao desenvolvimento dos conceitos sociológicos do anarquismo. Graças a seu livro "O apoio mútuo, fator de evolução", colocou-se ele entre aqueles que combateram o darwinismo social, segundo o qual, mediante a aplicação, no campo social, da darwiniana luta pela existência, elevar-se-ia o princípio da luta do forte con-

tra o fraco à categoria de lei de ferro, acima de todos os processos naturais, incluídos aqueles a que o homem se encontra submetido.

É bem verdade que, mesmo sob o pior dos despotismos, a maior parte das relações pessoais dos homens, com seus semelhantes, ordena-se mediante o livre acôrdo e a livre cooperação, sem o que a vida social não poderia ser concebida. Se assim não acontecesse, as mais coercitivas determinações do Estado não seriam capazes de manter o ritmo social. Porém, estas formas naturais de conduta, que surgem do âmago da condição humana, em nossos dias se encontram embaralhadas e caducas, por força da exploração econômica, e da tutela governamental. A consciência da responsabilidade pessoal, e esse outro bem inestimável que o homem conquistou por merecimento da lei da hereditariedade, e que é representado pela capacidade de simpatia existente entre os homens, somente alcançam maior desenvolvimento em clima de liberdade.

Tal como Bakunine, Kropotkine era um revolucionário. Este, contudo, como Reclus e muitos outros, via na revolução apenas uma fase especial do processo revolucionário. Fase esta que sempre surge, quando as novas aspirações sociais se encontram sob repressão, por parte das autoridades, em seu desenvolvimento que apenas objetiva a destruição dos velhos tapumes, através da violência, a fim de funcionarem, depois, como novos fatores da vida humana.

Deve ser mencionado, ainda, Leão Tolstói que, partindo do cristianismo primitivo, e baseando-se sobre os princípios éticos formulados pelos Evangelhos, chegou a conceber uma sociedade sem instituições.

É comum, a todos os anarquistas, o desejo de livrar a sociedade das instituições de caráter coercitivo que se intrometem no caminho do desenvolvimento de uma humanidade livre.

Quanto à violência, a maior parte dos anarquistas atuais encontra-se convencida de que a transformação social da organização humana não pode ser realizada sem violentas convulsões revolucionárias. A violência de tais convulsões dependerá, naturalmente, da força de resistência que os grupos governantes hão de opor à realização das novas idéias. Quanto mais extensos forem os grupos que se inspirarem mutuamente na idéia da organização social, de acôrdo com o espírito da liberdade e do socialismo, tanto menos agudas serão as dores inerentes à Revolução Social.

AMOR LIVRE

Por MARIA IÊDA

Há certas expressões na propaganda libertária que fazem mais mal que bem, pela sua ambiguidade, e uma delas é amor livre. E o perigo é que elas fiquem como uma espécie de tabu: intocáveis.

O amor nunca deixou de ser livre; cerceado, sim, foi a sua manifestação. Amor livre, para libertário, significa o casamento liberto das peias religiosas, estatais e de certos preconceitos tradicionais. E isto está certo. Tem também amor livre o sentido de prostituição. Daí o grande mal para a propaganda.

O casamento, (expressão técnica da Sociologia) sim, é que deve ser emancipado das peias do "sacramento religioso" e do casamento civil; ele é e sempre foi uma espécie de contrato natural entre duas pessoas de sexos diferentes, tanto assim, que a linguagem, que é fonte de investigações científicas, diz: "Pedro casou com Maria", isto é, os dois se casaram, e não foram casados por alguém. De fato, até há poucos séculos, o "sacramento religioso" somente santificava o casamento efetuado pelos núbens.

O casamento é um fenômeno social, de origem biológica, pois tem como fator ou causa o instinto natural de conservação da espécie, sem o qual não existiria o animal. A forma do casamento depende da luta pela existência. A primeira forma das uniões sexuais entre os povos primitivos foi a promiscuidade, depois o matriarcado, o patriarcado, a poligamia e a monogamia. Esta é a aconselhada pela eugenia.

O casamento deve ter por base o amor e durar enquanto houver amor entre os cônjuges. União sem amor é prostituição, degradação do instinto de conservação da espécie, é, como os romanos diziam: "Connubia promiscua habente more ferarum".

A moral é a conformidade das ações do homem com as leis da natureza; logo, é imoralidade a prostituição, pois viola a lei de conservação da espécie, assim como o é também o aborto forçado.

Sofia Perowskaia, a grande revolucionária russa, quando via um desses conquistadores de mulheres, dizia com imenso desprezo: é um fêmeiro!

Amor livre? Ele sempre o foi. União livre? É expressão ambígua, não serve. A expressão certa, sociológica, é: casamento baseado no amor e enquanto durar o amor, sem a bênção religiosa e sem a autorização do juiz.

A reação clerical contra "Ação Direta"

Os que afirmam que, por motivo de tática, não deveria "Ação Direta" mover campanha contra o clero, devem ler, rele e meditar sobre as notícias que nos chegam de Ponta Grossa, Estado do Paraná.

Naquela cidade cultural onde se faz sentir o reacionarismo negro, "Ação Direta" vai conseguindo abrir brecha, sendo exposta à venda em bancas de jornais e mesmo livraria. Porém, segundo nos informam, sob pressão da Congregação Mariana da cidade, o proprietário dessa livraria viu-se obrigado a recusar nosso periódico.

Tal atitude por parte dos elementos clericais não nos surpreende, pois de longa data conhecemos suas restrições mentais; porém, avisamos que longe de nos intimidarmos, redobramos nossos esforços, afim de que "Ação Direta" penetre cada vez mais na vida intelectual de Ponta Grossa, sacudindo consciências e dando dores de cabeça à gente clerical.

REFLEXÕES DE UM ANARQUISTA

A doutrinação verbal, limitada ao círculo de relações, eventualmente, não satisfazia minha ansiedade de divulgação do ideal libertário. Escrevia alguns artigos para "Ação Direta", então semanário, com apreciável número de leitores, mas reconhecia a necessidade de ampliação da propaganda. Ocorreu-me, então, publicar um jornal. Mas, como, se mal ganhava para comer, trazendo sempre o pagamento da Faculdade de Direito? Não devia contar com contribuições dos camaradas, senão, desviaria recursos destinados a "Ação Direta". Devia contar, portanto, somente comigo mesmo. Pensei, então, em fazer uma publicação mimeografada, utilizando-me do mimeógrafo da Repartição Pública onde trabalhava. A princípio, hesitei. Por fim, puz os escrúpulos e as preocupações de lado, concluindo que se o Estado me explorava, porque não o explorar também. Afinal, não iria inutilizar a máquina. Decidi-me. O título foi de difícil escolha. Anotei uma série deles e, após demorados confrontos, optei pelo "O Archote", pela sua significação simbólica: um braço sustentando um facho de fogo. Dei buscas até encontrar um modelo. Tentei fazer um desenho, debalde, convencendo-me que haviam tido razões os professores que me reprovaram nesta matéria, e mais, que aqueles que me conferiram a nota mínima para aprovação, haviam sido benevolentes. Expus minhas dificuldades ao companheiro Ideal Perez e lhe pedi para desenhar o archote e o título. De posse do material, solicitei permissão ao diretor da Repartição para trabalhar até mais tarde, visto ser sábado e o expediente encerrar ao meio-dia. E "O Archote" apareceu.

Os comentários compensaram os esforços. Lembra-me de um episódio pitoresco ocorrido durante a feitura de um de seus números após o término do trabalho, quando fui trancar a porta, a chave partiu dentro da fechadura. O receio de ser obrigado a dormir ali no sábado e no domingo, sem poder abandonar o local apoderou-se de mim. E como consequência, previa minha demissão do cargo funcional, visto o diretor ser homem autoritário, prepotente, exigente e cheio de manias, prejudicando sempre aos subordinados, com castigos, por qualquer ato considerado faltoso. Felizmente, Ideal Perez fora me ajudar no serviço aquela tarde e saiu à procura de um mecânico para retirar a fechadura e fazer uma nova chave. Encontrou um profissional que fez o trabalho e ninguém teve conhecimento do fato.

(Contudo, mais tarde, foi instaurado um inquérito sigiloso contra mim, à minha revelia, e 34 dias depois de haver eu requerido minha demissão, devido a obtenção da Carteira de Advogado, fui demitido no interesse do serviço. Ao ter conhecimento da medida, coneguei vistas do processo, e lá encontrei "O Archote" como um dos comprovantes de minhas atividades anarquistas. Sorri, em vista da ignorância e da estupidez de meus detratadores. O "Chefão" que me mostrava o processo, chamou minha atenção, gravemente:

— Você ainda sorri?... Retruquei com indiferença:

— O funcionalismo perde mais com minha demissão do que eu... Voltei-lhe as costas.

Ainda há poucas semanas, um ex-colega dali me aconselhou a requerer a readmissão a que teria direito em virtude da ilegalidade do ato, acrescentando que receberia perto de um milhão de cruzeiros de vencimentos atrasados. Depois de receber o dinheiro, poderia pedir demissão, se me interessasse. Justifiquei não ter tempo para desenterrar o cadáver...

"O Archote" continuou a preocupar-me naquela época. Havia conquistado simpatizantes. Imaginei que devia ser impresso. Pois bem. Como não dispunha de recursos financeiros, decidi fazer eu próprio sua impressão. Dirigi-me aos chamados "ferro-velhos" e adquiri os materiais necessários para a construção de um aparelho impressor por mim idealizado. E assim, sozinho, fiz um "prelo". Os tipos custavam caro. Soube, então, que o "Francês", um bom companheiro de Santos, já falecido, possuía uma boa quantidade deles, escondida na época da ditadura, como o fim de evitar a sua apreensão. Falei com ele, que me deu o material. Comprei mais algum para os títulos.

Um tipógrafo ensinou-me a compor, em meio dia de sua folga semanal.

Saíu o n.º 1 de "O Archote", escrito, composto, impresso e distribuído por uma única pessoa. A saúde de seu criador ficou seriamente abalada nesta ocasião e o jornal não mais apareceu. Foi apenas uma experiência, mas uma experiência reveladora de ser o homem capaz de realizar o que deseja.

RAUL VITAL

A LUTA PELA PAZ

1. QUE É A INTERNACIONAL DE REFRACTÁRIOS À GUERRA?

É a maior das sociedades pacifistas internacionais do mundo. Sua congênere, a Comunidade de Reconciliação (Fellowship of Reconciliation) é exclusivamente religiosa. Mas a IRG não tem caráter religioso nem político. Confedera 32 entidades pacifistas independentes, sediadas em 23 países. As pessoas domiciliadas em nações onde ainda não haja sido fundada entidade do gênero solicita-se inscreverem-se diretamente no departamento matriz da IRG. Existem membros em atividade em quase todos os países do mundo.

2. QUAIS OS OBJETIVOS DO IRG?

Desenvolver todo o esforço possível para eliminar qualquer motivo ou pretexto de guerra, segundo estabelecem os Estatutos da entidade. Acredita firmemente que o caminho da paz não será encontrado enquanto não renunciarmos a todos os métodos de violência. Portanto, cada um dos membros da entidade se compromete a não pelear contra seu próximo, seja qual for a provocação recebida.

3. TEM MUITOS MEMBROS COM-PONENTES A IRG?

Não. Até agora nenhuma organização pacifista logrou atrair grande número de partidários. Sem embargo, o número de membros da IRG tem aumentado progressivamente. Como, na maioria, os membros permanecem nas seções nacionais, não é fácil precisar seu número total, mas calcula-se que pelo menos meio milhão de pessoas de alistaram, desde a criação da IRG em 1921. Atualmente só a metade desse contingente de valores humanos permanece em ação.

4. QUAL O COMPROMISSO DO ASSOCIADO?

Quem firmar a seguinte declaração, ou equivalente, é, em geral, aceito como membro:

"A guerra é um crime contra a humanidade. Por isso estou resolvido a não dar apoio a nenhuma espécie de guerra, e a lutar pela abolição de todas as causas da guerra."

5. COMO PODE UM GRUPO FILIAR-SE À IRG?

Fácil. Qualquer grupo local ou nacional pode solicitar filiação à IRG, bem como às organizações específicas, que tenham por principal finalidade a oposição à guerra. A solicitação deve ser firmada pelos dirigentes, e é imprescindível acentuar que todos os componentes do grupo ou colégio aceitam a declaração da IRG e bem assim que todo o aderente no futuro terá que fazê-lo da mesma forma. As outras formalidades, se as há, ficam ao critério do grupo para a admissão de novos membros.

6. QUAL A OBRIGAÇÃO DOS MEMBROS INSCRITOS, INDIVIDUAIS OU COLETIVOS?

Não se limitam, os membros da IRG, a conquistar novos adeptos ao pacifismo, ainda que isso seja, naturalmente, importantíssimo. Trabalham, porém, por um desarmamento nuclear e geral, pela harmonização entre os grupos radicais, pela autonomia das colônias, e pela terminação da "guerra fria" como fator de suspeita entre as grandes potências do mundo. Todos os membros negam terminantemente o direito de abusarem os governos da liberdade do indivíduo.

7. COMO OBTER MAIORES DETALHES?

Escrevendo ao Secretário Geral da IRG, em qualquer dos 19 idiomas usados pela organização, a fim de receber resposta e impressos na língua preferida. Uma equipe de 68 tradutores voluntários se encarrega da correspondência. Usem-se com mais frequência, e na seguinte ordem, o inglês, o francês, o espanhol, o alemão e o espanhol. Já existe tradutor do português. O tremendo poder destruidor das armas da guerra moderna enfatiza a necessidade de estabelecer relações genuinamente pacíficas entre as nações do mundo, e cada indivíduo iluminado por sadio propósito deve fazer tudo o que estiver ao seu alcance a fim de realizar tão altos objetivos. A correspondência deve ser dirigida a:

Secretário Geral da IRG, 88 Park Avenue, Enfield, Middlesex, England.

ATIVIDADES DO CENTRO DE CULTURA SOCIAL DE S. PAULO

Prosseguindo em sua obra de divulgação da cultura nos meios populares, o Centro de Cultura Social da Paulicéia, promoveu novas palestras seguidas de debates, em sua sede social, à rua Rubino de Oliveira, 85.

Pelo professor Dieno Castanho, foram realizadas mais duas palestras, sob os temas: "O homem, esse animal estúpido" e "O que é a felicidade", que provocaram interessantes trocas de impressões.

A seguir, em outra animada noite, falou o companheiro Roberto das Neves, que, assim, aproveitou a sua visita a S. Paulo em serviço de sua Editora Germinal. Seu tema foi "Caracterologia", que despertou interesse e proveitoso debate.

...Se acreditais que com esse bárbaro vereditum aniquilais os anarquistas e a anarquia, cometeis um erro, porque os anarquistas estão sempre dispostos a morrer por seus princípios — e estes são imortais".

Adolfo Fischer
(Suas últimas palavras ao ser condenado à fôrca).

O CARNAVAL

Suas origens e significação

O carnaval teve suas origens nas festas consagradas aos deuses da antiguidade: as saturnais e as lupercais de Roma, as bacanais da Grécia e as festas a Apis, o deus-boi do Egito. Estas e outras festas pagãs, que a Igreja, impotente para extinguir, acabou demagogicamente por adotar, caracterizavam-se pela licenciosidade, pelo excesso de vinho, pelas danças líbricas, pelo uso de disfarces, pelo desatar dos instintos mais primitivos e pela ejaculação dos vícios mais soezes. Os escravos tinham liberdade de tudo dizer e tudo fazer, de soltar as rédeas aos instintos presos pela hipocrisia dum ano de servidão e de obediência a uma educação de preconceitos e à moral imoral dos senhores, à moral, como a de hoje, de convenções e fórmulas vazias, sem beleza e sem ideal. O Carnaval era uma espécie de válvula de segurança, que os senhores permitiam aos escravos abrir, uma vez no ano, para evitar a rebelião dos instintos, de consequências catastróficas para a segurança da sociedade baseada numa profunda desigualdade de classes.

Nos primeiros tempos após o triunfo do misticismo cristão sobre o naturalismo greco-romano, quando estava saturada ainda do espírito do cristianismo, pretendeu a Igreja Católica opor um dique ao Carnaval, considerado como "grosseira reminiscência do paganismo". À medida, porém, que a Igreja se foi distanciando da doutrina do seu fundador e convertendo-se no que é hoje, a aliada incondicional das classes poderosas, a sua atitude em relação ao Carnaval foi-se modificando. Já sob o pontificado do papa Paulo 2.º (1464-1471) e graças à proteção deste, os festejos carnavalescos, tão combatidos até então pela Igreja, readquiriram na Itália o antigo esplendor, venerados e celebrados pelos cristãos, com cavalgadas mitológicas, com "ninjas" e "bacantes", mascaradas e corridas pedestres de todo o gênero, de mistura com procissões religiosas. Os cristãos de então entregavam-se aos folguedos carnavalescos, na praça de S. Marcos, em Roma, com o mesmo alarde de força bruta, de apupos, de asbobios, de lutas corporais e de manifestações de bestialidade sexual, como fazem os cristãos de hoje. E, como hoje, nas bacanais da granfinagem, o papa Paulo 2.º assistia, banqueteadando-se, bêbado de gozo, com um pagão, às esfuasiantes manifestações da alegria popular, e, de quando em quando, generosamente, lançava à plebe moedas de ouro e restos das virtualhas, em agradecimento pelas gostosas gargalhadas que ela lhe fazia soltar. A Igreja consagrara definitivamente, como bom divertimento cristão, a antiga festa pagã, passando a tratar dela nas suas decretais e, inclusive, em concílios. E assim veio até nossos dias o Carnaval, pela mão da Santa Madre Igreja.

TRIBUNA DE DEBATES

PODE SER-SE AO MESMO TEMPO ANARQUISTA E MAÇON?

AFINIDADE, SIM! — INCOMPATIBILIDADE, NÃO!

Por JAIME D. M. BARREIROS

II

Na sua organização ritualística, a Maçonaria tem a sua hierarquia, que obedece ao simbolismo maçônico, em conformidade com cada um dos diversos ritos filosóficos que a compõem; mas essa hierarquia é apenas simbólica, produto da antiquíssima tradição, que vem desde o início da organização social e que atravessou todas as fases da civilização, das quais ainda conserva alguns títulos decorativos que lembram aos vindouros os caminhos percorridos pelos antepassados, quando lutavam pela redenção da Humanidade, pelo progresso da civilização e pela conquista da liberdade.

Os cargos diferentes, que na sua organização conferem, por eleição, àqueles que foram escolhidos pelo processo mais democrático conhecido até hoje, não dão outras prerrogativas que não sejam a função que couber a cada um no governo da comunidade; isto, porque, no estado presente da sociedade organizada, ainda não pode existir um corpo diretivo qualquer que tenha o encargo de dirigir e regular o seu funcionamento, para que seja possível conservá-la pela vida fora, como o fizeram os nossos antepassados que a organizaram e conduziram tão sabiamente que veio até nós, atravessando o árduo caminho da evolução da civilização humana durante milênios, com tal pureza e dignidade que ainda é a única organização em toda a sua magnitude, naquele ambiente de sabedoria e compreensão elevadas que lhe permitem ser o esteio firme e sólido em que se apoiam todos aqueles lutadores, sinceros e conscientes, que idealizam uma nova organização da vida humana, nos moldes mais perfeitos e na prática mais justa que permita a vida em pé de igualdade e verdadeira fraternidade.

Os templos maçônicos sempre foram verdadeiros laboratórios, onde têm sido cultivados todos os elementos ativos dos ideais progressistas e das idéias renovadoras que têm feito empolgar as massas populares para as grandes transformações que modificaram a face cultural, educativa, social e política de todo o mundo; sendo os fenômenos mais recentes, a Revolução Francesa; a democratização da monarquia inglesa; a independência de todos os povos americanos; a derrubada de todas as monarquias despóticas da Europa e a proclamação das repúblicas européas, das quais

destacamos a República Portuguesa, que já estava feita dentro da Maçonaria brasileira antes do grito do Ipiranga, o que permitiu a entrega do Grão-Mestrado a D. Pedro I, logo que ele regressou ao Rio de Janeiro: isto para não começarmos pela lei do ventre livre e pela libertação dos escravos, ambas obras preparadas dentro dos templos maçônicos e defendidas por maçons como José Bonifácio, Gonçalves Lêdo e outros; até à Proclamação da República, onde todos os próceres eram maçons.

Embora no meio verdadeiramente maçônico seja muito purificado o ambiente social em que vivem os maçons, a Maçonaria não pode eximir-se totalmente dos defeitos humanos, porque é composta por homens; e, por mais puras que sejam as intenções dos homens que a integram, nunca será possível evitar que entre eles surjam exceções em que se manifestam esses defeitos, entre aqueles, muito raros, que não chegam a compreender os elevadíssimos princípios por que se rege a Ordem; mas, esses infelizes dignos de dó e de compaixão, são os que escaparam pelas malhas de rede que seleciona os candidatos ao ingresso e que, por isso, ali entraram por engano; terminando, quase sempre, por se afastarem, eles mesmos, das atividades maçônicas, onde não encontram ambiente em que possam viver. A não ser quando vão propositalmente para a traição, ao serviço do jesuitismo que vê no culto da liberdade em absoluta igualdade, o maior inimigo da sua ação despótica e tirânica sobre os povos que consegue dominar; mas, esses traidores acabam sempre por serem desmascarados e expulsos.

São fraquezas de uns e a traição de outros, que servem de instrumento aos inimigos da Maçonaria e lhes dão pretexto para a atacarem na vida profana, ateando o fogo de palha da propaganda fanática e jesuítica, com cujo fumo procuram ofuscar a visão daqueles incrédulos ou desprevidos que acreditam nessas visões deformadas da sublime realidade maçônica.

Não pode, pois, haver incompatibilidade entre dois movimentos que se conjugam e se completam, porque seria o anarquismo a renegar a sua origem, tal como o filho que renega a sua própria mãe.

Nota — No próximo número, publicaremos o parecer de Juan Verde — Caracas, Venezuela, dando por terminada esta polémica.

“Ação Direta”

Opinião dos leitores sobre sua orientação

Distrito Federal: “Ação Direta” é um jornal que agrada justamente pelo seu aspecto mais doutrinário do que combativo. Discordo da opinião do leitor da cidade do Rio Grande (“Ação Direta” n.º 132) que critica os artigos demasiado filosóficos do jornal. Na minha opinião, o movimento anarquista tende cada vez mais para o propósito de formar consciências livres e responsáveis. Deve procurar atingir os indivíduos sem se preocupar com as massas, pois sabemos hoje, após tantas experiências frustradas, que os movimentos de massas não conduzem a coisa nenhuma. Por isto, acho que a preocupação maior não deve ser a de criar simplesmente revolta na massa. Devemos dar aos indivíduos mais dotados as bases filosóficas e humanas do anarquismo. Uma crítica eu tenho para fazer ao jornal: acho completamente desinteressantes e obsoletos os clichês que vocês continuam usando em “Ação Direta”. Francamente, já é tempo de modernizarem um pouco o jornal, afim de torná-lo mais atraente. — *Luiza Alves.*

Caracas (VENEZUELA): “Como prometi em minha última carta, onde afirmava, e volto a afirmar, que “Ação Direta” é dos nossos periódicos o que mais personalidade adquiriu no Brasil, passo a tratar do assunto, com um pedido, porém: que, a meus conceitos, se dê a interpretação que merecem, levando em conta ser opinião sincera, sem nenhuma outra intenção que a de desejar e procurar o bem do nosso querido jornal, concorrendo para seu maior esplendor. Antes de mais na-

A cultura e a arte das diversas nações têm uma essência comum; as mesmas raízes lhes servem para extrair a seiva do mesmo solo; somente as flores e os perfumes são diferentes. É isto, justamente, que constitui o esplendor do jardim da humanidade, no qual se harmonizam, pela comunhão de interesses, os indivíduos de todas as raças, apenas separados pelo ódio de todos os nacionalismos, substanciado no princípio de autoridade.

Eugen Relgis

A TIRANIA SALAZARISTA

O coronel Magro Romão continua a fazer jús à sua recente promoção, como recompensa pelos crimes cometidos contra organizações populares, agitando povo inconformado. Ao que nos conta, alimenta a esperança de ainda voltar à Pide, para dar largas aos seus instintos sanguinários.

— :: —

O ditador Salazar, na intenção de pôr termo à rebeldia e ao protesto dos trabalhadores, que exigem, através de greves, o seu afastamento do governo, ordenou a publicação de uma lei que só é possível existir onde há tirania. É o cúmulo da monstruosidade. O art. 170 do Código Penal, no parágrafo 1.º, preceitua a prisão de três a oito anos para os que paralizarem o trabalho em sinal de protesto (a greve).

É preciso protestar contra esta medida terrorista do muito católico Oliveira Salazar — é o apelo que vos fazemos deste campo de concentração, que é Portugal.

Publicações Libertárias

NOIR ET ROUGE — Cahiers d'études anarchistes révolutionnaires (L'AGALT. B. P. 113 — Paris 18.º — France) — Trata-se de uma excelente revista que analisa em cada número um problema de real interesse para o movimento libertário, e o faz de modo profundo, moderno e bem documentado. Como exemplo, citamos o número 7-8, dedicado ao estudo do nacionalismo, em que se esmiúça o problema desde as origens até a época atual, oferecendo a posição anarquista como complemento.

DEFENSE DE L'HOMME (Domaine de la Bastide, Magagnosc — Alpes Maritimes, France) — Revista mensal com 11 anos de publicação contínua. Impressão gráfica ótima e um grande corpo de colaboradores, dos quais destacamos: Gaston Leval, Dr. H. Herscovici, E. Armand, Dr. Henri Crozer, etc.

VIEWS & COMMENTS — (P.O. Box 261 — New York 3, N. Y.) — Revista publicada mensalmente pela Liga Libertária da América do Norte. CENT — (4, rue Belfort, Toulouse — Haute Garonne — France) — Revista mensal de sociologia, ciência e literatura, dirigida por Frederica Montseny, José Borraz e Miguel Celma. O primeiro número apareceu em janeiro de 1951 e até a presente data vem saindo regularmente com ótimo material teórico, que a torna uma das mais importantes publicações do gênero.

VOLONTÀ — (Casella Postale 85, Genova — Nervi, Itália) — Destacamos esta revista italiana com 11 anos de publicação, por ser, sem sombra de dúvida, no nosso modo de entender, a mais completa e importante publicação anarquista no domínio de revistas.

TIERRA Y LIBERTAD — (Apartado 10596, México, D.F.) — Revista-suplemento do periódico do mesmo nome e que aparece duas vezes por ano, destacando-se sua feitura moderna em tricotomia e a excelente colaboração internacional.

CONTROCORRENTE (157 Milk Street, Boston 9, Mass. U.S.A.) — Em idioma italiano e aparecendo bimensalmente, esta publicação realiza intensa obra libertária no seio da colônia radicada na América do Norte.

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE SOLIDARIEDAD OBRERA (Rue Ste. Marthe 24 — PARIS (X) — Publicação mensal, de 30 páginas dedicadas aos problemas filosóficos, artísticos e científicos, sob o ângulo libertário.

NOTRE ROUTE (36 rue Poliveau — Paris-Ve — France) — Revista mensal editada pelo grupo búlgaro libertário no exílio.

Divulguem “Ação Direta”

Estante Libertária

Três Enganos Sociais

De E. RÊDES

Venho hoje preencher a minha coluna habitual com um comentário sobre o livro de Ferreira da Silva que tem o título acima. Várias referências já têm sido feitas a este livro tão interessante e, creio mesmo, tratar-se de uma obra já conhecida dos leitores de “Ação Direta”. Contudo, depois de uma leitura cuidadosa, foram tantos os aspectos importantes do livro notados que não me pude subtrair ao desejo de realçá-los. Achei interessante o ponto de vista um pouco diferente com que ele encara o problema dos trabalhadores, analisando não só as injustiças a que eles estão sujeitos, como reconhecendo também os deveres a que estão obrigados e a inépcia com que se manifestam, em virtude de uma pobre educação. Também me pareceram muito sensatas as suas observações a respeito do exagero da maioria dos idealistas que pretendem não se aceitar nada do Estado, nem mesmo algo que seja favorável à classe trabalhadora. Em lugar disto, ele aconselha tirar o máximo proveito possível, em favor das classes oprimidas, de qualquer vantagem, seja qual for a finalidade com que seja concedida. Um terceiro aspecto do seu pensamento está em consonância com o meu ponto de vista: já é tempo de substituirmos a idéia de destruir o edifício social por meio da violência, para construir novo edifício na base do ódio, pela idéia de renovarmos este pobre velho mundo com muito esforço e sacrifício, porém na base da dedicação e do amor.

“Férias, previdência social e participação nos lucros”, eis os três enganos sociais encontrados por Ferreira da Silva na legislação trabalhista. Embora reconhecendo que, adotando medidas socializantes, o capitalismo mostra que já está falindo, ele chama a atenção dos trabalhadores para a finalidade dessa adoção, que consiste em anular as revoltas e reivindicções. Porém aceita algumas leis ditas pelo Estado, contanto que estabeleçam deveres do indivíduo para a coletividade e, portanto, desempenhem um papel educador. Porque Ferreira da Silva está convicto de que a emancipação dos trabalhadores só poderá ser obra deles próprios e isto dependerá do desenvolvimento da sua cultura e, mais ainda, do sentido de dever social.

Analisando o direito às férias de que goza o trabalhador, com uma acuidade rara, ele distingue o direito legal do direito humano a tirar férias e mostra que os dois estão em dissonância. Por necessidade humana, o trabalhador precisaria tirar férias anuais num ambiente salutar, fora da cidade onde trabalha, para recuperar a saúde minada no trabalho e gozar um pouco a vida.

Em lugar disso, a legislação trabalhista o obriga a abandonar o serviço durante um certo período, que será passado no ambiente insalubre em que vive, aumentando o seu desconforto pela inércia e pela monotonia. Porém Ferreira da Silva não se limita a fazer esta crítica. Oferece soluções interessantíssimas para o caso, como sejam

O Nacionalismo

Todo nacionalismo é reacionário por essência, pois pretende impor às diversas partes da grande família humana um caráter determinando segundo uma crença preconcebida. Também, neste ponto se manifesta o parentesco interno da ideologia nacionalista com o conteúdo de toda religião revelada. O nacionalismo cria separações e cisões artificiais dentro da humanidade orgânica, que encontra sua expressão na espécie humana; ao mesmo tempo aspira a uma unidade fictícia, que só corresponde a um desejo; e seus representantes, se pudessem, uniformizariam, em absoluto, aos membros de uma determinada agrupação humana para destacar mais agudamente o que a distingue dos outros grupos. Nesse aspecto, o denominado *nacionalismo cultural* não se diferencia de modo nenhum do *nacionalismo político*, a cujas aspirações de domínio há de servir, em geral, de fôlha de parreira. Ambos são espiritualmente inseparáveis e representam somente duas formas distintas da mesma pretensão.

RODOLF ROCKER

as Colônias de Férias, exemplificando com instituições dessa natureza por ele visitadas em Portugal.

Quanto à previdência social, demonstra com clareza como ela representa um engodo, pois, em lugar de oferecer proteção, constitui um meio de explorar e humilhar o trabalhador. Explorar, porque devolve uma migalha ao pobre necessitado, enquanto inverte milhões em transações lucrativas. Humilhar, porque dá como esmola uma contribuição para a qual o trabalhador concorre mensalmente, sofrendo um desconto que lhe aumenta as privações. Além disso, como o autor acentua bem, é um regime desumano, porque, em lugar de atender na medida das maiores necessidades, o faz em relação à quota de desconto. É deseducativo, porque tira do trabalhador a iniciativa própria ao entregar os seus problemas à tutela do Estado. Trata-se ainda de uma realização ilógica. Como diz bem Ferreira da Silva, a previdência só tem sentido quando feita pelo próprio indivíduo, conscientemente. Qual a solução para isso? Ele oferece como solução a ajuda mútua praticada nas associações de socorro mútuo, cooperativas de produção e consumo, associações de classe, etc.

O final do livro ele guarda para analisar a maior das mentiras sociais: a participação nos lucros. Ora, se a classe trabalhadora vem lutando todo este tempo para derrubar o sistema capitalista, que é a base da exploração do homem pelo homem, como é possível agora esta aliança entre patões ternos e empregados ingênuos? O livro prova, com cálculos precisos, que esta medida representa um engano a mais e dos mais perniciosos. Ao valorizar sempre o capital mais do que o trabalho, comete uma injustiça que se perpetua. Também para esta falha o autor do livro oferece uma solução dentro mesmo do capitalismo. Esta solução consiste em valorizar igualmente o capital e o trabalho, dividindo os lucros em percentagens iguais para um e outro. Com a clareza e a precisão que o caracterizam, ele mostra, com cálculos práticos, como seria feita esta distribuição numa base mais humana e mais justa. Termina o seu livro fazendo um elogio ao sistema de cooperativas da Suécia, que fizeram dela uma nação exemplar. E faz apelo aos trabalhadores no sentido de se unirem em iniciativas cooperativistas, fazendo com que vão desaparecendo, pouco a pouco, os lucros extorsivos e o sol passe a brilhar para todos.

* Todos os livros comentados nesta secção poderão ser adquiridos na Editora GERMINAL — CAIXA POSTAL 142 — Agência da Lapa.

MILITANTES QUE DESAPARECEM

FRANCISCO DE PAULA

Este é o nome de mais um antigo militante que vimos de perder, com sua morte em 30 de Dezembro p. p., em S. Paulo, onde residia há longos anos.

Francisco De Paula era um dos já raros combatentes libertários da velha guarda, pois começou a militar no movimento anarquista quasi desde o início do século, quando ainda recém-chagado da Itália.

Era operário marceneiro, como tal prestou sua cooperação nas atividades de sua organização.

No movimento libertário teve ativa atuação, participando da obra de propaganda e de nossa organização específica.

Como autodidata estudioso, conhecia seguramente nosso ideal e o nosso movimento não somente do Brasil, como internacional.

Participou da vida de nossa imprensa, nela colaborando, bem cooperando na publicação de folhetos de divulgação do anarquismo.

Foi um bom militante, consciente das responsabilidades de nossa causa. No cemitério, Edgard Leuenroth salientou essas qualidades do saudoso companheiro, a cuja família enviamos nosso abraço de solidariedade.

Não se esqueçam os que julgam necessária a publicação regular de “Ação Direta” que este jornal vive exclusivamente de seu auxílio, que precisa vir regularmente.

Além do auxílio pecuniário, urge desenvolver atividade para a sua divulgação por toda a parte.

AÇÃO DIRETA

ANO 13 — N.º 133 — MARÇO DE 1959

Portugal Oprimido

Pronunciamento de Um Oficial Exilado

Temos em mão o livro "Portugal Oprimido", de Fernando Queiroga, oficial do exército que se rebelou contra o regime de Salazar, sofrendo, por isso, prisões, deportação e exílio. É mais um depoimento a juntar-se a outros que denunciam os processos políticos do atual regime português, e sob este ponto de vista há que reconhecer-lhe alto valor histórico e influência no esclarecimento daqueles que, pela distância ou por efeito de uma propaganda de constante distorção da verdade, ainda hoje conservam ilusões a tal respeito.

Ocorre-nos, a propósito, notar que há duas espécies de inconformados com o sistema fascista reinante em Portugal: os que nunca a ele se submeteram, testemunhas que foram da "marcha sobre Lisboa", desfechada pelo general Gomes da Costa, e os que em pleno regime fascista contra ele se revoltaram, numa demonstração afinal de que o sentimento da liberdade sempre desponta e a qualquer tempo se impõe nas ações do indivíduo. Dos primeiros, não são poucos os que já chegam ao último quartel da vida no exílio, no ostracismo ou nas fases piores de um martírio que os asfixia dentro da própria pátria; dos segundos, vem até nós a sua presença ou a sua nobre rebeldia, e é nesses que temos de confiar para o prosseguimento da luta que, pelo facto de alastra-se nos peitos de outra geração, virá a ser mais radical, mais pura e de efeitos mais em harmonia com a evolução das idéias e da sociedade.

É assim que vemos o livro de Fernando Queiroga, um militar que "despertou para a vida no ano fatídico de 1926" e foi chamado às realidades da vida por um espontânea exteriorização

dos anseios do povo em 1.º de Maio de 1931, como confessa no preâmbulo do seu "Portugal Oprimido", lançado.

Fernando Queiroga era, aos 25 anos de idade, um militar, uma peça do sistema que mantinha Salazar no poder. Descobriu por si mesmo os vícios da tirania. Teve a coragem e a nobreza de levantar-se contra eles, mesmo faltando-lhe o apoio de que necessitava, por traição ou má-fé. Sofreu a perseguição dos esbirros, o espezinhamento da personalidade humana, as iniquidades e os golpes sorrateiros da covardia erigida em lei. Foi testemunha de atentados espantosos, das mais abjetas condenações e de torturas inconcebíveis. Mas conta-nos tudo isso com a serenidade do historiador, pois, embora modestamente não se apresente como tal, está fazendo história e da mais importante para o julgamento futuro de uma época tenebrosa, onde, não obstante, relâmpagos intermitentes denunciam a existência da alma livre do povo português, atrás do medo aparente em que está sofrendo a pressão dos tiranos.

Além da descrição de seus atos militares, de suas prisões e julgamentos, o autor faz considerações "sobre a miséria moral e econômica reinante em Portugal", ajunta subsídios relativos à colaboração dos meios oficiais portugueses no preparo e desenvolvimento da rebelião fascista na Espanha e revela fatos interessantes da política dos governantes portugueses durante a Grande Guerra. Fatos que grande maioria do público mal conhece, e cuja divulgação constitui também ação valiosa do autor num livro cuja apresentação gráfica muito se recomenda.

P. Ferreira da Silva

Pensamentos de Rafael Barrett

Em política não há amigos; há só cúmplices.

— Não sei se na época das cavernas se morria de fome e frio. Na atualidade, porém, não tenho dúvida alguma.

— O aparecimento da força nos leva à desconfiança. Se desejás convencer-me, larga a arma, e se alçares a arma, são demais os discursos. Com as armas não se afirma a realidade: violamo-la.

— Quem melhor que o bom presidente cumpre a lei? É o cidadão ideal. É a lei feita carne, feita exemplo.

— Nossa imaginação, ao criar deuses, não fazia mais do que sonhar com o futuro da humanidade.

— O Anarquismo é hoje uma atmosfera moral.

Onde comprar "Ação Direta"

Encontra-se à venda, no centro, nas seguintes bancas do Rio:

Na E.F.C.B. (na rampa de saída).

Em frente à Light.

Na Rua Marechal Floriano, esquina de Conceição.

Av. Rio Branco, esquina de Sete de Setembro.

Galeria Cruzeiro, esquina de Bittencourt da Silva.

Lapa (ponto de bondes).

Uruguaiana, esquina de Alfândega.

Largo de São Francisco, esquina de Andradas.

Praça Tiradentes, esquina de Carioca.

Av. G. Vargas, esquina de Uruguaiana.

Av. Almirante Barroso, esquina de 13 de Maio.

R. Araújo Porto Alegre, esquina de R. do México.

A tal "Gente - Bem"

Não perderam a oportunidade as interessantes apreciações que o sr. Roberto Barros, diretor de "Vida Fluminense", escreveu para "Ação Direta" sobre o casamento de um cronista "social", noticiado com estardalhaço por todos os veículos de divulgação.

Foi um acontecimento deveras digno de manchetes, pois à solenidade compareceram as figuras de mais evidência em todos os setores sociais, notadamente na política e na finança, tais como embaixadores de vários países, deputados, senadores, isto sem falar noutras figuras cuja presença, naquela festa, desmentem sua fama de austeridade.

Um exemplo vivo do atual estado de coisas! Enquanto há fome, sede, falta de moradia, transportes, trabalho e hospitais; enquanto trinta milhões de brasileiros vivem como irracionais em todo o país, curtindo privações verdadeiramente calamitosas, sem escolas, vivendo na ignorância, morrendo na subnutrição e no desamparo, a descendência do ouro, os beneficiários das sinecuras e cambalachos fazem espoucar champanhe, esbanjando numa notada saturnal, quantia superior ao ilustório salário oficial de um cento de morigerados chefes de família.

No dia seguinte à esbórnia o estranho espécime jornalístico, o pomposo líder da gráfinagem comenta: "Aconteceu..."

Muito natural, portanto, é que ao casório do "parvenu" tivessem afluído os cabotinos mais categorizados e a fina flor da imprensa estilo rastaquêra, para colorir o episódio com as tonalidades exóticas dos sibaritas de que nos falam "Os Últimos Dias de Pompeia".

Enquanto aventureiros de toda a espécie, disfarçados em partidos trabalhistas, liberais e quejandos ajuntamentos lutam cegamente pela conquista dos postos de mando, faz desfilar quotidianamente a sua "gente bem", com todas as marcas de suas mentes corrompidas pelo dinheiro mal adquirido e pelo poder exercido, com rara exceção, em benefício próprio, da família e apaniguados, como terrível nos regimes de quimérica democracia, nos quais o povo sofre a iminência da erupção do Vesúvio e os fariseus exploram as paixões das massas no afã de conservar as vantagens de uma situação que arrasta o país ao abismo.

E o povo brasileiro que continue lutando, dia a dia e corpo a corpo, à cata dos alimentos básicos que lhe escasseiam, com o cruzeiro inflacionado e cada vez tendo menos valor.

Não há dúvida que este quadro da vida carioca reflete fielmente aqueles velhos tempos cujos abusos produziram as ruínas de Roma, em que, para gáudio dos poderosos, o sangue dos mártires jorrava de mistura com o das feras e criminosos. Recordar igualmente aquela sociedade hipócrita tão bem retratada nas fábulas de La Fontaine, em que a imagem da sociedade do século XVII é representada em pequenos dramas cujos intérpretes são irracionais: o leão rodeado de aristocratas como o urso e o lobo; os cortesãos, entre os quais surge a raposa, e depois o povo, representado por Dom Porco, mestre Aliborn (o burro), o inofensivo Coelho e Raminagrobis (o gato), afetando os ares do magistrado e parecendo devoto como o mais austero eremita. E nessa sociedade zoológica se encontram os mesmos abusos da moderna civilização, cuja imagem é o casamento do "parvenu", e por isso a história se repete, triunfando a injustiça, os grandes devorando os pequenos, os humildes engordando os poderosos.

Quo imus?

Representação Teatral em São Paulo

O Grupo Teatral do Centro de Cultura Social de São Paulo, realizou mais um espetáculo na noite de 31 de Janeiro p. p., no Teatro de S. Paulo, representando a sempre interessante peça de Juracy Camargo — "Deus lhe pague".

Não obstante tratar-se de um trabalho de grande responsabilidade para amadores, todos os elementos portaram-se muito bem, evidenciando o cuidado como se prepararam para a representação, o que foi reconhecido pela assistência com os seus aplausos.

Sob a orientação da equipe técnica constituída por Luiz Ochandi, Antonio Martinez, F. C. Henrique e Antonio Maia, os papéis foram assim distribuídos: Guido Mazzetti, Mendigo; Antonio Gutierrez, outro Mendigo; Wilmaria Fontes, Nanci; Cida Ochandi, Maria; Benedito Romano, Patrão; N. N., Viera de Castro; Pericles, Americo Ruby; Bina Gutierrez, Vizinha.

Aumento Espantoso do Custo de Vida

Apesar das medidas alardeadas pelo Presidente da República sobre o congelamento dos preços dos artigos de primeira necessidade, a verdade nua e crua é que o pretendido congelamento, na prática, não está funcionando e o que impera é a desenfreada alta do custo de vida, obrigando o povo a medidas extremas, como sucedeu há semanas na cidade de Uberlândia, Minas Gerais.

Apertar o cinto, jejuar por obrigação também tem limites. A paciência popular também é finita, pois que a fome não é coisa que se deixe para resolver daqui a dias.

CONTRASTE SOCIAL



Esta ilustração pode não estar de acordo com os milindres dos amantes da arte moderna, mas reflete a realidade social do momento.

O Movimento Operário de Ação Direta

Veem os anarquistas desenvolvendo sua atividade, há mais de 50 anos, no meio proletário brasileiro, não como chefes, líderes ou mentores, mas sim como integrantes do todo, como suas unidades operantes, trabalhando em prol do fortalecimento e orientação de sua organização, lutando por suas reivindicações, esforçando-se pela elevação de seu nível moral e pelo desenvolvimento de sua cultura.

Pela ação dos anarquistas, iniciou-se no Brasil o movimento sindical de resistência do proletariado, firmando-se sua orientação de luta de classes com a realização dos congressos nacionais, levados a efeito no Rio de Janeiro em 1906, 1913 e 1920, e regionais, realizados em São Paulo, em 1906, 1908, 1931 e 1934 e no Rio Grande do Sul, Pernambuco, etc., em períodos vários, dêles surgindo a Confederação Operária Brasileira, em 1906, e as gloriosas Federações Operárias, de São Paulo, em 1905, e no Rio Grande do Sul, Paraná, Pernambuco, Pará, além dos sindicatos, ligas operárias, etc., em todos os pontos do país.

Não comporta um documento desta natureza um esforço histórico da ação desenvolvida por essas organizações durante o período de sua longa atividade sob a orientação principal dos anarquistas.

Foram dezenas de anos de lutas permanentes contra a ganância do capitalismo e as medidas reacionárias dos governantes.

Partindo do marco zero das reivindicações dos trabalhadores, desde, mais acentuadamente, o começo deste século, lançou-se o movimento proletário, orientado pelos libertários, nas pelejas contra o arbítrio patronal e estatal, pela regularização do horário de trabalho, objetivando a jornada de 8 horas, pelo aumento dos salários com a abolição de descontos e multas, pela regularização do trabalho das mulheres e das crianças, pelas férias remuneradas, pela segurança e higiene do trabalho, pelo respeito à pessoa do trabalhador e de sua organização, por tudo, enfim, que se patenteava necessário para minorar as consequências da exploração capitalista e melhorar a sua situação econômica, profissional e moral.

Foram anos e anos de duras, de difíceis, de tremendas campanhas, nas quais os anarquistas deram sempre o exemplo de atividade, de dedicação e de espírito de sacrifício. Na história do martirológico do proletariado brasileiro figuram os libertários em situação de destaque. De toda a sorte de sofrimentos foram vítimas. Perseguições sem conta, assaltos a domicílios, processos, deportações e expulsões, espancamentos e assassinios enchem grandes espaços dos jornais de todos os anos passados e nas matas da Clevêlândia as ossadas dos militantes libertários testemunham a sua dedicação à causa proletária.

A reação patronal e estatal culminou com a implantação da ditadura implantada em 1937, estrangulando a atividade da organização sindical de orientação sindicalista libertária, já prejudicada pela ação deletéria dos bolchevistas, que a queriam dominar para ser transformada em instrumento de seus manejos políticos.

Ficou, assim, a velha e gloriosa organização do proletariado impedida de desenvolver livremente a ação orientadora da verdadeira atividade de luta de classe.

Não obstante a atividade que os militantes libertários conseguiram desenvolver na clandestinidade, ven-

cendo dificuldades sem conta e sofrendo constantes perseguições, não pôde ser impedido que surgissem os sindicatos sujeitos inteiramente à influência e controle direto e permanente do governo, que dos mesmos fez objeto de sua demagogia nos manejos de sua política.

Desde então, ficou a classe trabalhadora do Brasil inteiramente sujeita à ação governamental, através do Ministério do Trabalho, e à ação corruptora da burocracia sindical, sofrendo as influências dos elementos que a querem enfeudar a um partido, bem como às tendências de exclusivismo e de corporativismo de indivíduos que, como funcionários, pretendem torná-la instrumentos de suas conveniências políticas e pessoais.

Cessando, porém o domínio do Estado Novo, embora a reação contra os trabalhadores ainda se faça sentir, trabalha-se no sentido de conseguir libertar a organização proletária das peias ministerialistas, do burocratismo sindical e dos manejos dos politiqueros, para que possa retomar a sua atividade anterior de luta consciente em prol da defesa de seus interesses imediatos e de preparo para a completa emancipação.

Nessa obra estão empenhados os anarquistas, prestando sua decidida cooperação ao trabalho de orientação dos operários para que se possa dar nova vida aos sindicatos e ressurgir o verdadeiro movimento proletário brasileiro, tão cheio de gloriosas tradições.

EDGARD LEUENROTH

O que é democracia na América Latina

"Democracia é o governo das Forças Armadas", disse o Gal. Rojas Pinilla, segundo "La Protesta", de Buenos Aires.

A definição, ainda que pronunciada seriamente, parece anedota, porém anedota que merece atenção, porque afirmando ou prudentemente calando, é a que utilizam uma quantidade de governantes-generais em nossa maldadada América Latina.

Stroessner, por ocasião da visita de um democrata dos quilates de Frondizi, sentiu-se na obrigação de fazer algumas declarações públicas, especialmente dedicadas à imprensa argentina — que melhor achado para fazer uma linda profissão de fé democrática? Positivamente o homem já não conhece o rubor e os escrúpulos morais, se é que alguma vez os teve, deveria ser muito criança, pois agora afirma cãndidamente que não persegue ninguém, que não há presos políticos no Paraguai, que os exilados entram e saem do país sem que ninguém os moleste — salvo, naturalmente, as polícias paraguaia e argentina, de um lado e outro da fronteira. O homem forte que "faz" a guerra do Chaco, passeia tranqüilamente, "com uma pequena escolta" e ninguém o molesta. Um verdadeiro paraíso...

Causticos Sociais

Um padre procurava conquistar uma mulher casada, e como último argumento disse-lhe:

— Escute: seu marido engana-a com outras, não é verdade? A senhora deve, pois, pagar na mesma moeda...

— Mas meu marido irá para o inferno... e eu não quero ver-me perto dele durante toda a eternidade...